**Novo presidente da GM gosta de desafiar e de ser desafiado**

*Sharon Terlep e Joann S. Lublin*

Em fins de 2009, alguns membros do conselho da General Motors Co. souberam que a montadora tinha perdido mais de US$ 1 bilhão com apostas na moeda sul-coreana naquele ano, pouco antes de entrar em recuperação judicial.

Numa reunião, Daniel Akerson, um desses conselheiros, exigiu uma explicação do então diretor-presidente, Frederick "Fritz" Henderson. O prejuízo, na visão de Akerson, era um problema sério, especialmente porque ocorreu quando o alto escalão da GM deveria estar economizando cada centavo disponível.

"Eu disse: 'Olha só, acabamos de perder US$ 1 bilhão e estou perguntando como é que isso aconteceu'", lembra Akerson de ter perguntado a Henderson, em entrevista ao Wall Street Journal, a primeira desde que foi escolhido quinta-feira para a presidência executiva da GM. "Era um tanto preocupante que uma pequena parte da empresa pudesse fazer uma aposta daquela magnitude e ninguém no conselho ou na diretoria ficasse sabendo", disse ele.

Depois de um diálogo tenso, os executivos da área financeira da GM foram obrigados a informar frequentemente a vários membros do conselho todas as movimentações de administração de risco da empresa, transferindo ao conselho uma função que antes era da diretoria.

Nas semanas seguintes, Akerson e outros membros do conselho passaram a criticar cada vez mais Henderson, e no dia 2 de dezembro ele pediu demissão.

Agora Akerson é quem vai assumir o cargo mais alto da montadora. O presidente do conselho, Edward E. Whitacre Jr., que sucedeu a Henderson, vai passar o cargo a Akerson em 1o de setembro.

Um ex-executivo de telecomunicações conhecido pelo estilo rígido e resoluto de liderança, bem como pelo linguajar mais solto, Akerson enfrentará o desafio de manter a GM no caminho traçado por Whitacre nos últimos nove meses, e também de vender a empresa para Wall Street enquanto ela se prepara para reabrir seu capital.

"O conselho era criticado antes por não fazer nada", disse Akerson. "Como membro do conselho, tenho a responsabilidade de fazer perguntas. Quando entro para a diretoria, quero um conselho que me desafie, que desafie a diretoria."

A oferta inicial de ações é um passo crucial não apenas para a GM, mas para o governo americano, que espera recuperar a maior parte dos US$ 43 bilhões que detém em ações da empresa.

Para o governo recuperar o investimento, a GM tem que ser avaliada em US$ 70 bilhões - dez vezes o valor de mercado dela antes de entrar em recuperação judicial, e pelo menos US$ 30 bilhões a mais que o valor de mercado da Ford Motor Co.

Após diminuir suas dívidas, eliminar marcas e fechar fábricas durante a concordata, a GM voltou a ganhar dinheiro - divulgou lucro líquido de US$ 1,3 bilhão no segundo trimestre. A Ford, por sua vez, lucrou US$ 2,6 bilhões.

Akerson não foi a escolha mais óbvia para comandar a GM. A maior parte de sua experiência é em finanças e na indústria de telecomunicações, e ele nunca dirigiu uma montadora.

Os críticos dizem também que o estilo arrojado e direto que conquistou Wall Street pode causar ainda mais distúrbios numa montadora que se afasta lentamente da beira do abismo.

"Ele é um diretor financeiro fantástico - ele não é um diretor-presidente", disse o executivo de telecomunicação Todd Ruelle, que foi diretor-gerente da telefônica MCI Inc. quando Akerson comandou a empresa, que mais tarde se tornaria WorldCom.

Akerson muitas vezes brigava com gerentes de uma maneira que não ajudava a concretizar as tarefas, disse Ruelle ao Wall Street Journal.

Muitos em Wall Street consideram Akerson o tipo certo de executivo para garantir aos investidores que a GM continuará tomando decisões difíceis e não voltará à lentidão e ao esbanjamento de outrora.

Akerson, de 61 anos, foi diretor-presidente da operadora de celular Nextel e foi convidado a integrar o conselho de administração da GM pela força-tarefa do setor automotivo criada pelo presidente americano Barack Obama. A equipe gostou de sua reputação e achou que ele seria uma boa alternativa quando fosse preciso selecionar um novo diretor-presidente.

"Ele vai direto ao âmago da questão", disse Mark LaNeve, ex-diretor de vendas e marketing da GM, um dos vários executivos demitidos quando Whitacre formou a nova diretoria.

LaNeve disse que Akerson muitas vezes pressionava os executivos da GM nas reuniões para que justificassem as estratégias e iniciativas que estavam adotando, e não recuava quando diziam que a questão era "complicada".

"Ele dizia: 'Mas não deveria ser complicado'", disse LaNeve. "Ele dizia: 'Precisamos é simplificar a questão.'"

A falta de uma liderança simples e direta, disse Akerson na entrevista, estava no centro de seu desconforto com a antiga diretoria da GM. Ele disse que muitas vezes os executivos administravam funções que não compreendiam totalmente ou assumiam responsabilidade demais.

Nos outros lugares em que trabalhou, Akerson mostrou capacidade para agir com rapidez quando o momento era decisivo.

Quando se tornou diretor-presidente da General Instrument Corp., nos anos 90, a fabricante de equipamentos para TV a cabo era criticada constantemente por John Malone, então diretor-presidente da operadora de TV a cabo Tele-Communications Inc. Malone reclamava publicamente dos atrasos da General Instrument no desenvolvimento de caixas conversoras digitais.

As caixas foram uma tecnologia inovadora, criada para exibir 500 canais de TV a cabo e via satélite. Para solucionar o atraso, Akerson cortou as despesas com pesquisa e desenvolvimento para liberar recursos para a produção das caixas e demitiu alguns engenheiros de desempenho ruim, disse uma pessoa a par da situação.

Aí ele tomou um avião para se reunir com Malone e se desculpar pelos atrasos. "Ele disse: 'Estamos atrasados. Isto é o que vamos fazer para resolver isso'", disse a pessoa. "John respeitou isso e topou esperar."

Formado na Academia Naval dos Estados Unidos, Akerson serviu no destróier U.S.S. DuPont de 1970 a 1975. Ele disse que assumir um papel na recuperação da GM realiza o seu senso de dever. Se a empresa for bem-sucedida, disse, "posso contribuir mais para o país do que quando servi à Marinha".

Harvey Golub, que já foi presidente da American Express Co., lembra de Akerson como um difícil integrante do conselho da Amex, onde Akerson ocupa um assento desde 1995.

"Não dava para enrolá-lo", disse Golub semana passada. "Se algo não estava claro, ele fazia perguntas até esclarecer. E as perguntas eram boas."

**Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 17 ago. 2010, Empresas, p. B9.**